AGORA O RIO CORRE CALADO

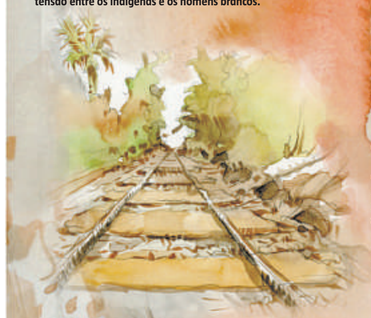
EM visita terra do povo krenak e mostra como a contaminação do Uatu, entidade representada pelo Rio Doce, ainda afeta rituais e enfraquece tradições indígenas

● O povo borum, nome original da tribo que habitava florestas de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia, que significa "essência do ser", foi pejorativamente chamado de índios botocudos, devido ao hábito de usar adornos em orelhas e lábios.

● A tensão com os homens brancos se deu a partir de 1808, quando Dom João VI declarou a chamada "Guerra Justa" contra o povo krenak. O choque foi violento e sanguinário, com grande parte da população sistematicamente dizimada por 15 anos.

● Em 1904, o começo da construção da Estrada de Ferro Vitória-Minas marcou outro capítulo dessa história. Os indígenas chamavam a maria-fumaça de Guapó: monstro que vomita fumaça. Muitos morreram atropelados, tentando impedir a passagem do trem.

● A construção da estrada trouxe muitos trabalhadores para a região, que se tornou ponto de viajantes, agricultores, pecuaristas e madeireiros. Vilas se formaram e aumentou a tensão entre os indígenas e os homens brancos.



● Em 1911, os krenak foram agrupados pelo Serviço de Proteção ao Índio (SPI), em área de 16 quilômetros onde hoje fica Resplendor. O agrupamento abria caminho para a linha do trem.

● Em 1920, o governo de Minas doa uma parte do território original aos krenak, mas a demarcação só se conclui em 1923, após o massacre dos kuparak, parentes dos chamados botocudos.

● Entre 1930 e 1950, a extração de madeira e a descoberta de uma mina motivaram mais invasões de fazendeiros e posseiros. A região do Rio Doce começava a se tornar cobiçada pelo crescimento econômico.

FRED BOTTREL E LARISSA KÜMPEL
Enviados especiais

Terra indígena Krenak – O fim da fé no Uatu, nome indígena para o sagrado Rio Doce, está nos olhos represados com a mágoa de dona Laurita Krenak, de 86 anos. "Uatu é água grande. É aquilo que a pessoa acredita. Não tem quem crê em santo ou em pedaço de pau? Então, os índios acreditavam no Uatu, conversavam com o Uatu. Agora, o rio corre calado. Acabaram os encantos, uai, de a gente ter fé na água", narra a moradora da tribo que habita as margens do rio. Sentada na varanda de casa, a mais velha anciã da aldeia lamenta a irreparável consequência do rompimento da barragem da Samarco em Mariana, que hoje completa dois anos.

As relações com a sacralidade do rio se fragilizaram, com a impossibilidade dos sonhos e rituais embalados no correr daquelas águas. Os hábitos tradicionais da aldeia, hoje com 339 indígenas em 126 famílias, sofrem o agravamento de um processo que começou em 1808, quando o governo brasileiro declarou a chamada "Guerra Justa" aos "botocudos", indígenas que habitavam as florestas de Minas, Espírito Santo e Bahia (**Veja linha do tempo**).

O local dos ritos está ainda inacessível, com a imposição de uma cerca: a água do rio após o rompimento da barragem levou à morte de animais e provocou coceiras na população. O centro cultural da escola está inutilizado: virou depósito de água mineral, que abastece os indígenas - parte da reparação feita pela mineradora. A comunidade tem casas espalhadas e caminhonetes estacionadas nas portas, enquanto o gado pasta na terra que já abrigou um dia a floresta dos krenak.

Há dois anos a Vale paga bolsas mensais de nove salários mínimos a cada família krenak do Rio Doce. O acumulado de R$ 24 milhões e a drástica mudança nos hábitos dos indígenas provocada pela sujeira do Rio Doce desde o rompimento da barragem sufocam antigos costumes, que incluíam a pesca e os rituais na beira do rio, cuja água ainda está imprópria para consumo.

O **Estado de Minas** mostra desde o domingo passado, em série de reportagens, o drama das famílias dos 19 mortos na tragédia, a demora das indenizações, a história do dique que engole a memória de Bento Rodrigues, o assoreamento do Rio Doce até a sua foz e as novas tentativas de mineração no manancial.

Dona Laurita mora em uma das sete aldeias do território indígena demarcado em 1997, que se estende por aproximadamente 4 mil hectares, a 30 quilômetros de Resplendor, na Região do Rio Doce. A esperança de que o Uatu ainda estaria vivo, correndo debaixo da lama, não encontra mais, de acordo com ela, eco no coração do povo. "Os mais novos não acreditam, não querem aprender a falar a língua, fazer os trabalhos. E se não acredita, acabou mesmo."

O barulho das máquinas supera o som das águas turvas. Filho de dona Laurita, o cacique Rondon Krenak, de 49, observa funcionários da Vale manejando uma escavadeira e picaretas para fazer reparos na linha do trem da Estrada de Ferro Vitória-Minas, do outro lado do rio. "Estão consertando aí, estragou ontem. O rio ainda não vi ninguém vindo consertar", compara. Ele relaciona a situação do Doce ao aumento dos casos de depressão e obesidade entre os índios. "O peixe foi embora, a caça foi embora, tudo foi embora, estamos aqui à mercê da vida do branco. Tudo tem que buscar na cidade e trazer para a aldeia. Hoje estamos obrigados a isso para sobreviver".

Dois anos depois, a memória de Rondon ainda guarda peixes em agonia no mar de lama, na busca por "oxigênio no meio daquele mingau". Ele se lembra que a represa de Aimorés reteve os destroços por 60 dias, no local onde antes os indígenas se reuniam para fazer fogueira, cantar, dançar e cozinhar o alimento que o rio dava. "Nem urubu comia dos peixes podres, cachorro que comeu, morreu. É difícil manter a esperança depois desse absurdo que fizeram com a gente, mas a gente reza para ter forças e resistir".

FOTOS: FRED BOTTREL/EM/D.A PRESS

O cacique Rondon Krenak, de 49 anos, relaciona a situação atual do Rio Doce ao aumento de casos de depressão entre os indígenas do território krenak: "É difícil manter a esperança depois desse absurdo que fizeram com a gente, mas a gente reza para ter forças e resistir"

Dona Laurita diz que "os mais novos" não querem aprender as tradições

A ESPERANÇA GUARDADA NA EDUCAÇÃO DOS JOVENS

Com os pés descalços sobre o piso de cerâmica, posicionadas em círculo, as crianças cantam à canção ao Uatu, sob o olhar atento das professoras. Em vez do lajeado do rio, o ritual agora é lição dentro da sala de aula. Os versos da loa tradicional exortam a grandeza de um rio que hoje corre numa faixa de 10 metros. Nas paredes, o alfabeto da língua portuguesa e cartazes com as formas geométricas, que poderiam estar em qualquer escola infantil não indígena, dividem espaço com desenhos de rakukãn, bok e rokrok – coruja, peixe e garça, na língua tradicional, ensinada ali aos pequenos de 3 a 9 anos.

"A língua é como uma mãe para gente, então a gente tem que manter viva. Isso é uma coisa que é da gente", defende a professora Dilma Krenak, de 39. Diante da cerca que impede o acesso à área dos ritos, Tito Krenak, outro professor na escola local enxerga nas aulas a única possibilidade de esperança. "Se deixar, levam nossa floresta, nosso espírito, nossas forças."

Na hora da merenda, as crianças brincam no alpendre e no terreiro da escola. Depois do lanche, o silêncio chama a atenção. Alice, de 3, Artur, de 5, e Vitória, de 6, estão hipnotizados, olhando para um smartphone. Na tela, lições em inglês da Peppa Pig, animação britânica e fenômeno mundial para a primeira infância. "Purple!", diz a porquinha no desenho. "Purple!", repetem, atentos, os pequenos krenaks.

Na outra sala, Silvam Barbosa Moreira, de 64, chefe de coordenação local da Funai em Resplendor, combina com as professoras uma visita das crianças ao acervo pessoal dele, com centenas de peças indígenas que lhe foram presenteadas ao longo de 14 anos de trabalho na área. Quando menciona um cocar de penas de ararinhas azuis, as crianças se alvoroçam e o filho de uma professora se apressa: "Mãe, compra pra mim!".

"Temos de ensinar as nossas tradições, mas também seguimos o ensino formal de matemática, português, geografia, porque queremos que as crianças tenham um pé na aldeia e um pé lá fora. Temos também de prepará-los especialmente porque queremos que todos tenham uma profissão", explica Marcos Krenak, professor na escola e autor de vários livros didáticos editados com desenhos e histórias deixadas por seus ancestrais – grande parte delas sobre o Uatu e os sonhos por ele inspirados.

Para Marcos, as mudanças no estilo de vida da tribo após os auxílios decorrentes do rompimento da barragem não descaracterizam o que há de essencial na tradição. "Não mudou completamente, porque nossa raiz vem desde os nossos ancestrais. Isso está no nosso sangue e fica o sofrimento porque a gente nunca imaginava que nosso povo fosse passar por isso". Além dos estudos sobre a qualidade do rio, ele reivindica trabalho de pesquisa que monitore os impactos na cultura krenak: "O que nossos antigos praticavam hoje não temos mais por medo de contaminação com os produtos que foram despejados no rio", afirma.

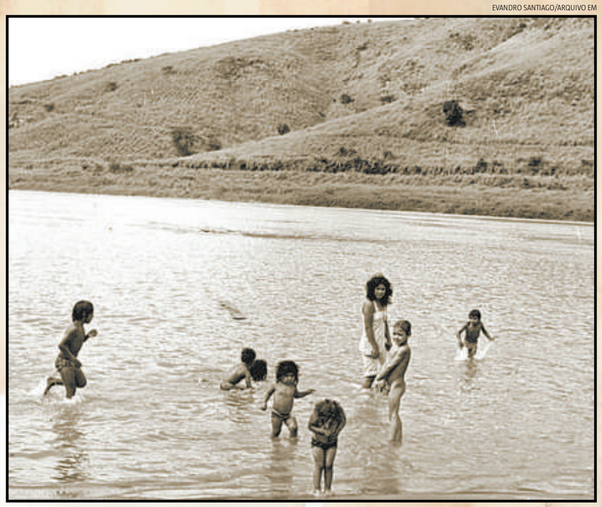
REPARAÇÕES A Fundação Renova, criada para reparar os danos do crime socioambiental do rompimento da barragem da Samarco, informou que fornece 3 mil litros de água mineral diariamente à comunidade, além de abastecer 140 caixas d'água de 2 mil litros a cada dois dias com água potável. As ações de diálogo social e tratativas determinadas no Termo de Transação e Ajustamento de Conduta são feitas pela Vale. Após a destruição provocada pela lama ao longo do Rio Doce, entre as ações acordadas com o povo krenak (que não tiveram caráter indenizatório, mas emergencial) estão o pagamento de nove salários mínimos por família e a reparação de estradas na reserva, entre outras medidas, de acordo com a Vale.

"Isso pode parecer solução aos olhos do homem branco, mas para a gente isso ajuda, mas não resolve. O que era sagrado não é mais. Nós não sonhamos mais, porque o rio dava o sonho pra gente. A nossa terra foi devolvida estragada. Ela precisa ser recuperada", reivindica Tito Krenak. "Tenho 44 anos, desde que eu era criança ouço falar em reflorestamento", comenta o professor.

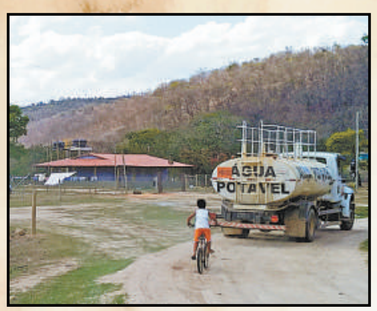
Enquanto a visão tradicional krenak se dá a partir da comunhão com os elementos naturais, os dois anos da tragédia socioambiental consolidaram processos complexos na convivência com os moradores da cidade de Resplendor. "Você que recebe o cartão da Samarco, venha economizar aqui", conclama o locutor em propaganda de rádio feita por loja de eletroeletrônicos.

A Avenida Olegário Maciel abriga, ao lado do Centro de Indenização Mediada da Renova, lojas de eletrodomésticos, roupas, móveis e smartphones. O 10º dia do mês, quando os indígenas recebem o benefício, é o de maior movimento. "Hoje, na cidade, só índio não parcela compra, eles chegam e levam tudo à vista", diz vendedora. "Queria muito ser índia", comenta outra. Os R$ 24 milhões que a Vale injetou na aldeia nos últimos dois anos, como reparação emergencial da tragédia de Mariana, contribuíram decisivamente para essa relação com os moradores de Resplendor. De acordo com a mineradora, as equipes que planejam esse trabalho são multidisciplinares e incluem antropólogos.

EVANDRO SANTIAGO/ARQUIVO EM



Do acervo do Estado de Minas *vem esta imagem, de 1971. O registro, do fotógrafo Evandro Santiago, mostra as crianças brincando e nadando no Rio Doce. Quase 50 anos depois, relação dos indígenas com o curso d'água não é mais a mesma*



Aldeias são abastecidas com água potável desde o desastre ambiental

● Na década de 1950, após um atentado a bomba atribuído aos indígenas, a polícia ameaçou a população, que abandonou as terras. Muitos foram transferidos, amarrados e amordaçados em caminhões, para o posto dos maxacali. Parte do povo se espalhou por outros lugares do país.

● Como não se adaptaram na reserva dos maxacali, alguns indígenas retornaram para a terra, em trajeto a pé que durou três meses. Ao voltar, encontraram as terras ocupadas pela Polícia Florestal e por fazendeiros.

● Na mesma época, foi criada a Guarda Rural Indígena, para impedir que as tribos se comunicassem na língua original e praticassem outros costumes.

● Em 1997, os krenak foram reintegrados ao território doado em 1920. A terra estava já totalmente modificada, sem os recursos naturais, o que impacta atividades tradicionais como pesca, caça e rituais.

● Hoje, a população reivindica demarcação de terras na outra margem do rio, como a Montanha dos Sete Salões, hábitat de espíritos protetores e fonte de água mineral e matéria prima para artesanato.

Fonte: Douglas Krenak, em publicação da Funai

em.com.br

Confira no *em.com.br* especial sobre o impacto do rompimento da barragem do Samarco no território krenak. Animação com ilustrações de Lélis conta a história do Uatu, a entidade que representa o Rio Doce